

# O Livro de Daniel - Número cento e cinquenta e dois

*O simbolismo das duas varas de Ezequiel: uma jornada pela profecia e pela redenção*

Jeff Pippenger  
2024-03-22

Estamos considerando a linha do capítulo trinta e sete de Ezequiel, que, em primeiro lugar, identifica o toque da Sétima Trombeta e a mensagem à Laodiceia, os quais dão origem ao exército dos cento e quarenta e quatro mil. Depois, Ezequiel repete e amplia essa linha, ao introduzir a união das duas varas dos reinos do Norte e do Sul de Israel, como ilustração do processo mediante o qual a Divindade e a humanidade são unidas durante o tempo do toque da Sétima Trombeta. Uma vez que as duas nações são unidas como uma só nação, Ezequiel identifica que têm um rei sobre si, e então trata da aliança eterna, que é a aliança consumada com os cento e quarenta e quatro mil, enfatizando, ao mesmo tempo, que esse povo da aliança dos últimos dias teria o santuário de Deus no seu meio por toda a eternidade.

Acrescentamos a essa linha a obra de João medindo o templo, em 1844, tipificando assim a medição final que teve início em 11 de setembro de 2001. Essa medição também é abordada por Zacarias, que indica que ela ocorre quando Deus torna a escolher Jerusalém como a cidade para colocar o Seu nome. Estamos traçando um símile entre os elementos que constituem o templo e as duas varas dos reinos do Norte e do Sul de Israel. A obra de Cristo ao unir Sua Divindade à humanidade dos cento e quarenta e quatro mil está representada nas duas profecias dos dois mil e quinhentos e vinte anos de dispersão impostas aos reinos do Norte e do Sul, em conjunção com a profecia de dois mil e trezentos anos.

Identificar o que as varas de Ezequiel representam na obra do evangelho requer uma compreensão básica do evangelho. Cristo assumiu nossa carne caída após quatro mil anos de fraqueza herdada, que Lhe foi transmitida por Maria. Como nosso Exemplo, Ele demonstrou que, ao exercitar Sua vontade, submetendo-a à vontade de Seu Pai, podemos vencer como Ele venceu, exercendo nossa vontade em sujeição à Sua vontade. Nossa vontade é empregada, para o bem ou para o mal, em nosso cérebro, que é a cidadela da alma.

O estudante que deseja reunir o trabalho de dois períodos letivos em um não deve ter permissão para fazer a sua própria vontade nesse assunto. Empreender fazer trabalho dobrado significa, para muitos, sobrecarga da mente e negligência do exercício físico adequado. Não é razoável supor que a mente possa apreender e digerir um suprimento excessivo de alimento mental, e é tão grande pecado sobrealimentar a mente quanto sobrecarregar os órgãos digestivos, não dando ao estômago períodos de descanso. O cérebro é a cidadela de todo o homem, e hábitos errados de comer, vestir-se ou dormir afetam o cérebro e impedem alcançar aquilo que o estudante deseja — uma boa disciplina mental. Qualquer parte do corpo que não seja tratada com consideração comunicará sua lesão ao cérebro. Deve-se exercer muita

paciência e perseverança ao instruir os jovens sobre como preservar a saúde. Eles devem tornar-se bem informados sobre este assunto, para que cada músculo e órgão seja tão fortalecido e disciplinado que, em ações voluntárias ou involuntárias, se alcance a melhor saúde, e o cérebro seja revigorado para sustentar as exigências do estudo. Educação Cristã, 124.

A obra da aliança eterna é escrever a lei de Deus em nossos corações e em nossas mentes, e tanto o nosso coração quanto a nossa mente estão localizados na "cidadela de nossas almas", que é o nosso cérebro.

A mente de um homem ou de uma mulher não passa, de um momento para o outro, da pureza e santidade à depravação, à corrupção e ao crime. Leva tempo para transformar o humano no divino, ou para degradar aqueles formados à imagem de Deus ao bestial ou ao satânico. Pela contemplação, somos transformados. Embora formado à imagem de seu Criador, o homem pode educar sua mente de tal maneira que o pecado que outrora detestava se torne agradável para ele. Ao deixar de vigiar e orar, deixa de guardar a cidadela, o coração, e entrega-se ao pecado e ao crime. A mente é aviltada, e é impossível elevá-la da corrupção enquanto está sendo educada para escravizar as faculdades morais e intelectuais e submetê-las a paixões mais grosseiras. É preciso manter guerra constante contra a mente carnal; e devemos ser auxiliados pela influência refinadora da graça de Deus, que atrairá a mente para o alto e a habituará a meditar em coisas puras e santas. Lar Adventista, 330.

A "mente", o "coração", o "cérebro" são a "cidadela da alma". Uma cidadela é uma fortaleza que deve ser guardada contra a entrada do pecado.

"Em Sua oração ao Pai, Cristo deu ao mundo uma lição que deveria ser gravada na mente e na alma. 'Esta é a vida eterna', disse Ele, 'que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.' João 17:3. Isto é a verdadeira educação. Ela confere poder. O conhecimento experimental de Deus e de Jesus Cristo, a quem Ele enviou, transforma o homem à imagem de Deus. Dá ao homem o domínio de si mesmo, colocando cada impulso e cada paixão da natureza inferior sob o controle das faculdades superiores da mente. Faz de seu possuidor um filho de Deus e um herdeiro do céu. Põe-o em comunhão com a mente do Infinito e abre-lhe os ricos tesouros do universo." Christ's Object Lessons, 114.

As "faculdades superiores" devem ser empregadas para controlar e subjugar os "impulsos e paixões da natureza inferior". As faculdades superiores se localizam na mente, e é a "comunhão com a mente do Infinito" que "transforma o homem à imagem de Deus". No tempo do selamento dos cento e quarenta e quatro mil, a imagem da besta se forma em uma classe e a imagem de Cristo na outra. O que realiza a transformação é a ligação das mentes. Aqueles que têm uma mente carnal, ou segundo a carne, como Paulo a identifica, formam a imagem da carne — a besta. Os que alcançaram a mente de Cristo formam a imagem de Cristo. A promessa da aliança é que podemos alcançar a mente de Cristo na conversão, embora todos tenhamos nascido com uma mente carnal.

Que haja em vocês a mesma atitude que houve também em Cristo Jesus: o qual, existindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo a que devesse apegar-se; mas esvaziou-se, assumindo a forma de servo e tornando-se semelhante aos homens; e, sendo

encontrado em figura humana, humilhou-se e tornou-se obediente até a morte, e morte de cruz. Filipenses 2:5-8.

Devemos ter em nós a mente de Cristo, como também estava em Cristo, pois fomos criados à Sua imagem. Mas não temos essa mente; temos uma mente carnal, vendida ao pecado.

Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito. Porque a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus me libertou da lei do pecado e da morte. Pois o que a lei não podia fazer, por estar fraca por causa da carne, Deus, enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e, por causa do pecado, condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito, para as coisas do Espírito. Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz. Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus; pois não está sujeita à lei de Deus, nem mesmo pode estar. E os que estão na carne não podem agradar a Deus. Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. E, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o Espírito é vida por causa da justiça. Romanos 8:1-10.

Ser do Espírito é vida, e ser da carne é morte. A carne é a natureza inferior; é a fonte de nossos sentimentos. A natureza inferior carnal deve ser governada pela natureza superior, o que se realiza pelo exercício de nossas vontades em sujeição ao Espírito Santo. Nossas mentes carnis superiores podem ser transformadas aqui e agora, mas nossa natureza inferior deve esperar pela Segunda Vinda para ser mudada.

As duas varas de Ezequiel identificam uma vara que é representada como o átrio, e essa vara chegou ao seu término em 1798. Ela tinha sido perfeitamente dividida em mil duzentos e sessenta anos de paganismo pisoteando a hoste e mil duzentos e sessenta anos de papalismo pisoteando a hoste. Essa vara não representava o pisoteio do santuário de Deus, pois o santuário de Deus estava localizado no reino do sul. A hoste que foi pisoteada pelo paganismo e pelo papalismo era um templo humano, mas, em relação ao reino do sul, era o corpo, e o reino do sul era onde Deus escolheu colocar a cabeça. O reino do norte era o corpo; o reino do sul era a cabeça.

As duas divisões de mil duzentos e sessenta anos do reino do norte representavam as duas diferentes tendências ao pecado no templo do corpo, como representadas por tendências herdadas e cultivadas. O paganismo era um símbolo das tendências herdadas do pecado no templo do corpo, e a adoção, pelo papalismo, da religião do paganismo representa as tendências cultivadas ao pecado. Em qualquer dos casos, o templo do corpo não poderia ser transformado até a Segunda Vinda; assim, a vara do reino do norte se estendia apenas até 1798, e, quando foi dito a João que medisse o templo, essa vara devia ser deixada de fora.

A palavra "conversão" significa uma transformação ou mudança de um estado ou condição para outro. Quando Adão e Eva pecaram, foram "convertidos" do seu estado original, pois haviam sido criados perfeitos, à imagem de Deus, com as faculdades superiores controlando as inferiores.

Quando pecaram, foram "convertidos" em seres nos quais as faculdades inferiores assumiram predominância sobre as superiores. Transmitiram essa condição a todos os seus descendentes.

No relato profético das duas varas de Ezequiel, o Senhor escolheu Jerusalém para ser a cabeça, a capital onde residia o rei. Ela deveria ser o poder superior. Na comparação das duas varas, o reino do sul era o poder inferior em relação ao reino superior no norte. A conversão que é representada quando as duas varas deveriam ser unidas exigia que o reino do sul fosse reconduzido à sua posição de cabeça. Ele deveria converter-se ao reino do norte, pois então estava unido ao verdadeiro rei do norte e ligado à sala do trono do verdadeiro reino do norte.

Por essa razão, o reino do norte só foi até 1798, e foi dito a João que deixasse de fora o pátio, que só foi até 1798. O reino do sul seria unido à vara dos dois mil e trezentos anos com a chegada do terceiro anjo, mas o reino do norte terminaria à medida que a combinação da divindade e da humanidade fosse realizada dentro dos dois compartimentos do templo que João então mediu. O reino do norte estava ligado pelo elo de quarenta e seis ao reino do sul, na chegada do terceiro anjo, mas não se conectou diretamente com 1844, como o reino do sul.

O Reino do Sul estava vinculado tanto ao templo de quarenta e seis anos quanto à combinação da divindade com a humanidade representada pelos duzentos e vinte anos. O Reino do Norte, em 1798, assinalou a fundação do templo de quarenta e seis anos, mas ali se encerrou, pois, sendo a fundação, representava a carne que Cristo havia tomado sobre Si, e Sua carne foi imolada desde a fundação do mundo. Todos os templos são símbolos intercambiáveis, e a fundação dos quarenta e seis anos, em 1798, identifica Sua carne humana, e a conclusão daqueles quarenta e seis anos, em 1844, identifica Sua Divindade.

A hoste que foi pisoteada até 1798 não era o santuário de Deus, embora o santuário de Deus tenha sido representado como sendo pisoteado naquele período de tempo; mas esse pisoteio estava sendo levado a cabo no reino do sul, onde Deus havia escolhido Jerusalém para colocar o Seu santuário e o Seu nome. A hoste que havia sido pisoteada representava os gentios; representava o corpo.

Quando Adão e Eva pecaram, começaram as "sete vezes" de sete mil anos em que a humanidade seria pisoteada pelo pecado. Nesse momento, o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo providenciou peles de cordeiro para cobrir a nudez pecaminosa da humanidade. Quando o pisoteamento da humanidade chegou ao fim em 1798, o Cordeiro, que é o alicerce e edificador de toda representação santificada de um templo, foi novamente morto. Ali o reino do norte, e o templo humano ali representado, chegou ao fim.

1798 foi quando o anticristo contrafeito foi morto, depois de haver dado seu testemunho satânico de três anos e meio proféticos, que começou com sua investidura no ano 538, a qual foi precedida por trinta anos de preparação iniciados no ano 508. Isso foi uma contrafação satânica dos trinta anos de preparação de Cristo que começaram no Seu nascimento, e que terminaram na Sua investidura, quando Ele foi batizado; e, depois disso, Ele deu o Seu testemunho por três anos e meio literais até o momento em que o Cordeiro imolado desde a fundação do mundo foi crucificado. Então cumpriu-se a Sua promessa de que, depois que o templo foi destruído, Ele o levantaria em três dias.

Ele mesmo levantaria o templo do Seu corpo, pois foi o poder de Sua divindade que realizou a ressurreição, pois Sua divindade não morreu na crucificação; foi Sua humanidade que morreu na cruz, pois é impossível que Deus morra.

"Eu sou a ressurreição e a vida" (João 11:25). Aquele que dissera: "Dou a minha vida para tomá-la de novo" (João 10:17), saiu do túmulo para a vida que estava em si mesmo. A humanidade morreu; a divindade não morreu. Em sua divindade, Cristo possuía o poder de romper as cadeias da morte. Ele declara que tem vida em si mesmo para vivificar a quem quer. Mensagens Seleccionadas, livro 1, 301.

Em 1798, o templo humano, hospedeiro do "reino do norte", chegou ao fim, pois, como símbolo da natureza inferior, não podia ser mudado até a ressurreição na Segunda Vinda. Isso, no entanto, identificou o fundamento dos quarenta e seis anos em que Cristo ergueu o templo que podia ser transformado, representado pelo "reino do sul", que era um símbolo das faculdades superiores da mente, a qual é transformada no momento em que um pecador é justificado.

Sobre o fundamento que o próprio Cristo havia lançado, os apóstolos edificaram a igreja de Deus. Nas Escrituras, a figura da construção de um templo é frequentemente usada para ilustrar a edificação da igreja. Zacarias refere-se a Cristo como o Renovo que edificaria o templo do Senhor. Ele fala dos gentios como cooperando na obra: "Aqueles que estão longe virão e edificarão no templo do Senhor;" e Isaías declara: "Os filhos de estrangeiros edificarão os teus muros." Zacarias 6:12, 15; Isaías 60:10.

Ao escrever sobre a edificação deste templo, Pedro diz: "Chegando-vos a ele, como a uma pedra viva, rejeitada, na verdade, pelos homens, mas escolhida por Deus e preciosa, vós também, como pedras vivas, sois edificados como casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por meio de Jesus Cristo." 1 Pedro 2:4-5.

Na pedreira do mundo dos judeus e dos gentios, os apóstolos labutaram, extraindo pedras para assentá-las sobre o fundamento. Em sua carta aos crentes em Éfeso, Paulo disse: "Assim, já não sois estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus; e estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Jesus Cristo a principal pedra angular; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor; no qual também vós sois edificados juntamente para morada de Deus no Espírito." Efésios 2:19-22.

E aos Coríntios ele escreveu: 'Segundo a graça de Deus que me foi dada, como sábio arquiteto, pus o fundamento, e outro edifica sobre ele. Mas cada um veja como edifica sobre ele. Porque ninguém pode lançar outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo. E, se alguém sobre este fundamento edifica ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha; a obra de cada um se tornará manifesta; pois o dia a declarará, porque será revelada pelo fogo; e o fogo provará qual seja a obra de cada um.' 1 Coríntios 3:10-13.

"Os apóstolos edificaram sobre um fundamento seguro, a própria Rocha dos Séculos. A esse fundamento trouxeram as pedras que extraíram do mundo. Não foi sem impedimentos que os construtores trabalharam. A oposição dos inimigos de Cristo tornou seu trabalho extremamente

difícil. Tiveram de enfrentar a intolerância, o preconceito e o ódio daqueles que edificavam sobre um falso fundamento. Muitos dos que trabalhavam como construtores da igreja podiam ser comparados aos edificadores do muro nos dias de Neemias, acerca dos quais está escrito: 'Os que edificavam no muro, e os que levavam cargas, e os que as carregavam, cada um com uma das mãos trabalhava na obra e com a outra segurava uma arma.' Neemias 4:17." Atos dos Apóstolos, 595, 596.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

A queda do homem encheu todo o céu de tristeza. O mundo que Deus havia criado estava maculado pela maldição do pecado e habitado por seres condenados à miséria e à morte. Não parecia haver escapatória para os que haviam transgredido a lei. Os anjos cessaram seus cânticos de louvor. Em todos os átrios celestiais havia luto pela ruína que o pecado havia causado.

O Filho de Deus, o glorioso Comandante do Céu, compadeceu-se da raça caída. Seu coração foi movido de infinita compaixão quando as misérias do mundo perdido se ergueram diante dEle. Mas o amor divino concebera um plano pelo qual o homem pudesse ser redimido. A lei de Deus violada exigia a vida do pecador. Em todo o universo havia apenas um que pudesse, em favor do homem, satisfazer suas exigências. Como a lei divina é tão sagrada quanto o próprio Deus, somente alguém igual a Deus poderia fazer expiação por sua transgressão. Ninguém senão Cristo poderia redimir o homem caído da maldição da lei e trazê-lo novamente à harmonia com o Céu. Cristo tomaria sobre Si a culpa e a vergonha do pecado — pecado tão ofensivo a um Deus santo que deve separar o Pai e Seu Filho. Cristo desceria às profundezas da miséria para resgatar a raça arruinada.

Diante do Pai, Ele intercedeu em favor do pecador, enquanto as hostes celestiais aguardavam o resultado com um interesse de tal intensidade que palavras não podem expressar. Prolongado foi aquele misterioso colóquio — 'o conselho de paz' (Zacarias 6:13) — em favor dos filhos caídos dos homens. O plano da salvação fora estabelecido antes da criação da terra; pois Cristo é 'o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo' (Apocalipse 13:8); contudo, foi uma luta, até para o Rei do universo, entregar Seu Filho para morrer pela raça culpada. Mas 'Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.' João 3:16. Oh, o mistério da redenção! O amor de Deus por um mundo que não O amava! Quem pode conhecer as profundezas desse amor que 'excede todo entendimento'? Por eras sem fim, mentes imortais, buscando compreender o mistério desse amor incompreensível, hão de maravilhar-se e adorar.

"Deus haveria de se manifestar em Cristo, 'reconciliando consigo o mundo.' 2 Coríntios 5:19. O homem havia se tornado tão degradado pelo pecado que lhe era impossível, em si mesmo, entrar em harmonia com Aquele cuja natureza é pureza e bondade. Mas Cristo, depois de haver resgatado o homem da condenação da lei, podia conceder poder divino para unir-se ao esforço humano. Assim, mediante arrependimento para com Deus e fé em Cristo, os filhos caídos de Adão poderiam tornar-se outra vez 'filhos de Deus.' 1 João 3:2." Patriarcas e Profetas, 63, 64.